

Turbulência à vista: pressão inflacionária

O encerramento do primeiro trimestre do ano trouxe desdobramentos relevantes para o mercado financeiro. O acontecimento mais surpreendente foi a invasão da Ucrânia pela Rússia. Outro acontecimento relevante, mas já amplamente esperado, foi o aumento dos juros pelo banco central dos EUA (Fed). Ambos eventos tornaram o cenário global mais desafiador e incerto.

A guerra na Ucrânia causou, de imediato, um aumento das pressões inflacionárias em decorrência do encarecimento de importantes commodities agrícolas e energéticas, tais como trigo e petróleo.

O aumento dos juros pelo Fed torna as condições financeiras mais restritivas, e podem acabar sendo exacerbadas pelo conflito militar na Europa. No Brasil, o Banco Central elevou a taxa Selic para 11,75% e já sinalizou que pretende elevá-la para 12,75% em maio.

O panorama global se tornou mais desafiador, fazendo a conjuntura econômica no Brasil mais difícil. O cenário para a inflação no país, que já era ruim antes mesmo do conflito militar na Europa, piorou. Essa piora requer um aumento de juros mais forte e duradouro pelo Banco Central.

Há tempos já temos uma opinião cautelosa acerca da economia brasileira. Os acontecimentos recentes não só reforçam o teor das nossas preocupações, mas como nos levam a manter uma preferência por posições mais defensivas nos fundos geridos. De forma ampla, vemos valor em proteger o patrimônio dos fundos contra um cenário adverso que deve desenrolar ao longo do ano.

Essa proteção ocorre pela compra do dólar contra o real, pela exposição na taxa real de juro de prazo curto e por posições táticas de curta duração em renda variável. Nossa exposição no juro nominal foi relevante em janeiro, mas já liquidamos de forma majoritária essas posições. Aguardaremos novas oportunidades para voltar ao juro nominal quando o risco-benefício voltar a compensar tal posição.